

paganismo empenhavam-se à larga na mercância dos sacrifícios animais oferecidos aos ídolos". Uma espécie de simonia pagã. Achavam os judaizantes que não se devia, em nenhuma hipótese, comprar carne nos açougues, porque não se podia ter certeza se a mesma fora ou não sacrificada aos ídolos. O outro fato que criava forte preconceito contra os gentios conversos prendia-se aos judeus essênios que aceitavam a mensagem cristã. Diz M. C. Wilcox, em seu "Studies in Romans": "Alguns membros da igreja em Roma haviam sido membros dos Essênios — seita judaica muito estrita, ascética, cujos membros eram em geral vegetarianos, cumpridores estritos da lei mosaica, observando com exatidão tanto as festividades anuais e sábados quanto o dia semanal de repouso. Sua fé não alcançara ainda a plenitude do sacrifício e da obra completa de Cristo". Também o erudito comentarista Arthur S. Peake, em seu "A Commentary on the Bible", declara: "Alguns círculos ascéticos na igreja de Roma, trazidos talvez pelos judeus de dogmas essênios (v. Lightfoot), praticavam o vegetarianismo; outros consideravam muitos dias como sagrados. Sobre tais assuntos, os cristãos não deviam julgar nem contender entre si".

À luz desta moldura histórica, podemos, sem dificuldade, compreender certas expressões paulinas. Nada há, neste capítulo, de derogatório sobre leis higiênicas, e muito menos do sábado do quarto mandamento. J. P. Lange, em seu famoso comentário, cita Tholuck: "Tanto em relação aos preceitos sobre alimentos, quanto aos referentes aos dias santos judaicos (Col. 2:16), e de modo especial ao sábado, os judeus cristãos não puderam livrar-se, e encontramos a observância do sábado mesmo no quinto século da igreja. Ver *Const. Apost.* 25".

O primeiro versículo refere ao "débil na fé". O nosso comentário esclarece: "Isto é, aquele que tinha limitada compreensão dos princípios da justiça, ansioso por salvar-se e disposto a fazer tudo quanto cria que dele se exigia. Contudo na imaturidade de sua experiência cristã (ver Heb. 5:11 a 6:2) e provavelmente em decorrência

de sua crença e educação anteriores, ele procurava assegurar a salvação pela observância de certos preceitos e regulamentos que na realidade não se exigiam dele. Para ele tais preceitos assumiam a maior importância. Julgava-os absolutamente necessários à salvação, e ficava escandalizado e confuso ao ver outros cristãos ao seu redor, sem dúvida mais amadurecidos e experientes, que não partilhavam destes escrúpulos".

Infelizmente ainda hoje há membros de nossa igreja, sem dúvida bem intencionados, que caem em extremos, superestimando e exaltando certos aspectos da mensagem em detrimento de outros de maior importância. Não estarão acaso invertendo a pirâmide (ápice para o solo e base para o alto)? Não haverá o risco de pretenderem a salvação pelos princípios?

O verso 5 declara: "Um faz diferença entre dia e dia, mas outro julga iguais todos os dias". A palavra "iguais", em grego na versão comum de Almeida, não se acha no original grego e foi acrescentada pelo tradutor para complementar o sentido. Comentando este verso, escreve o autorizado Adão Clarke (metodista): "... a palavra *hemera*, 'dia' no grego, deve aqui ser tomada no sentido de tempo, festival, pois em tal sentido é freqüentemente empregada. A referência aí feita (Rom. 14:5) prende-se a instituições judaicas, e especialmente seus festivais, tais como a páscoa, pentecostes, festa dos tabernáculos, Lua nova, jubileu, etc. ... Os gentios convertidos consideravam ... que todos estes festivais não obrigavam mais o cristão. Nós (os tradutores) acrescentamos aqui a palavra *iguais*, e fazemos o texto dizer o que, estou certo, jamais foi pretendido, isto é, que não há distinção de dias, nem mesmo do sábado".

Jamieson, Fausset e Brown afirmam em seu comentário: "... será difícil mostrar que o apóstolo tenha rebaixado o sábado de maneira a ser classificado por seus leitores entre as transitórias festas judaicas, e somente os 'débeis na fé' podiam supor estarem ainda em vigor — enfermos que deveriam ser tratados com amor pelos que tinham mais luz".

O sábado jamais foi tema de controvérsia entre os cristãos primitivos, e Paulo não tratou dele.

Muitos leitores superficiais dos escritos paulinos se embaraçaram com o verso 14: "Eu sei, e estou certo no Senhor Jesus, que nenhuma coisa é de si mesmo imunda a não ser para aquele que a tem por imunda, para esse é imunda". E, pelo sentido aparente do texto, concluem que não mais vigora a proibição do consumo de carnes imundas, notadamente a do porco. Note-se, de início, que a expressão "nenhuma coisa" (*ouden* no grego), é um idiomatismo — maneira peculiar de expressar que longe está de ter a amplitude de sentido que aparenta ter. Deve-se entender necessariamente que "dos alimentos comumente usados pelo cristão naquele tempo nada era por si mesmo imundo ou impróprio para o consumo". Idiomatismos correlatos: o "nada" de S. Mar. 7:15, o "tudo" de Rom. 14:20, o "todas as coisas" de I Cor. 10:23, e o "em todo o mundo" de Rom. 1:8. Estas singulares expressões têm sentido restrito ao assunto a que se referem. Se, por exemplo, a frase "todas as coisas me são lícitas" significasse realmente todas as coisas, então Paulo estaria pregando a luxúria, a moda, o baile, o carnaval e qualquer outra prática mundana. A expressão "em todo o mundo é anunciada a vossa fé" se restringia a algumas dezenas de localidades da Ásia menor e sul da Europa, onde, nos primórdios do cristianismo, era conhecida a fé dos romanos.

Em relação às carnes sacrificadas aos ídolos, se alguém as julgasse imundas, não devia comê-las. Contudo não devia julgar os que a comessem.

PODEM AS MULHERES USAR O PÚLPITO?

S: Paulo diz: "Conservem-se as mulheres caladas nas igrejas". I Cor. 14:34. E isto é confirmado em I Tim. 2:11 e 12. Daí por que discordo que as mulheres ensinam em classes da Escola Sabatina ou falem na reunião missionária das Dorcas. Que me dizem sobre o assunto? — R. C. de O.

Diremos que o consulente conhece apenas um lado do problema, porque, se a mu-

lher tivesse dons, poderia expressar-se em público. Por exemplo, em I Cor. 11:5, diz o mesmo apóstolo: "Toda mulher que ora ou profetiza (...)". Refere-se à mulher que ensina ou fala das coisas divinas, em reunião de culto. Em Atos 21:9, lemos que as quatro moças, filhas de Filipe, *profetizavam*, isto é, falavam também publicamente das revelações de Deus. Poderíamos citar outros fatos neotestamentários. Febe era diaconisa da igreja de Cencréia (Rom. 16:1), e nesse mister às vezes tinha de dirigir-se à congregação. Evódia e Síntique trabalharam com Paulo na Causa do Senhor, e provavelmente o auxiliaram na pregação, ou dirigiram algum estudo, como o fazem hoje nossas obreiras bíblicas (Fil. 4:3). Assim também Priscila (Rom. 16:3), Trifena e Trifosa (Rom. 16:12). É fora de dúvida que esses casos eram excepcionais, como também ocorrem em nossos dias. Não é regra que a mulher ocupe a frente para falar aos membros da igreja. Entretanto ocasiões há em que isso pode e deve ocorrer. Na Igreja Adventista, a irmã White falou do púlpito centenas de vezes, trazendo mensagens inspiradas ao povo de Deus. O próprio fato de Deus ter chamado mulheres para Seu serviço público, como as mencionadas, e poderíamos acrescentar Débora, Hulda em tempos mais recuados, mostra que uma declaração feita sob certas circunstâncias, numa determinada época, como a de Paulo, é restrita em suas aplicações. Entretanto, como há ainda, na maioria dos países, muito preconceito sobre a mulher, ela não deve se ocupar do ministério da palavra. Nos dias de Cristo e de Paulo, a mulher era, praticamente, uma escrava, quase sem direitos, tida como inferior, e qualquer participação ostensiva dela na vida religiosa de uma igreja talvez trouxesse má reputação para o Evangelho. Hoje as mulheres chegam a altos postos eletivos na vida política e administrativa de alguns países (Golda Meir, Indira Gandhi, Maria Estela de Perón), outras brilham nas artes, nas ciências, na literatura e nos desportos, e com isto as barreiras de preconceitos vão sendo derribadas lá fora, no mundo.